

A METALINGUAGEM DAS BODAS

THE METALANGUAGE OF MARRIAGE

Marcelo de Oliveira Nascimento¹

RESUMO: O presente artigo apresenta uma proposta de interpretação para as relações metalinguísticas existentes entre o texto bíblico tradicionalmente conhecido como *As bodas em Caná* e a narrativa bíblica a respeito do que o cristianismo define como “obra salvífica”, protagonizada por Jesus Cristo. O objetivo é demonstrar como o episódio relatado no evangelho de João apresenta consonâncias com o conjunto de textos bíblicos neo e veterotestamentários que tornam a figura e os eventos relacionados a Jesus Cristo a fundamentação teológica da religião cristã.

Palavras-chave: Interpretação; Metalinguagem; Teologia.

ABSTRACT: This article is an interpretation purpose to the metalinguistic relation present between the text traditionally named *The marriage in Cana* and the biblical narrative related to what the Christianity defines as “saving work”, led by Jesus Christ. The objective is to demonstrate how the episode reported in the gospel of John presents a consonance with the new and old testaments that become the figure and the events related to Jesus Christ the theological foundation of the Christian religion.

Keywords: Interpretation; Metalanguage; Theology.

PALAVRAS INICIAIS

O evangelho de João é um escrito ímpar entre os textos que compõem o rol de livros denominado “Novo testamento” pela tradição cristã e, também, em relação à *Bíblia Sagrada*. Destaca-se em relação ao primeiro em função de sua narrativa ser a única classificada como não-sinótica¹ entre os quatro livros admitidos como evangelhos canônicos. Esta particularidade deve-se ao fato de que seu autor não reproduz a mesma dinâmica apresentada pelos evangelhos escritos por Mateus, Marcos e Lucas. Enquanto estes se prendem ao relato de, praticamente, os mesmos episódios envolvendo a figura de Jesus Cristo, evidenciando seus feitos sem enfatizar as razões de tais atitudes, João enfoca não apenas fatos inéditos em relação aos evangelhos sinóticos, mas apresenta as motivações que influenciavam as atitudes

¹ Especialista em Língua Portuguesa. Professor de Língua Portuguesa do curso de Letras da UNIABEU, RJ, Brasil. jamalmarcelo@gmail.com

de Jesus, revelando sua humanidade sem, contudo, invalidar o caráter divino que envolve sua figura.

Em relação à totalidade bíblica, o evangelho de João destaca-se por remontar, numa perspectiva não-linear, o conjunto de obras conhecido como “Antigo testamento”. João, na composição de seu evangelho, utiliza-se de referências (ora explícitas, ora obscuras) contidas nos escritos atribuídos a Moisés, a Salomão e a outros escritores veterotestamentários.

O texto denominado² *As bodas em Caná* (Jo cap. 2, vv. 1-12) foi escolhido para o desenvolvimento deste artigo por se tratar, como se pretende demonstrar, de uma narrativa que sintetiza, por meio da metalinguagem, um dos fundamentos da religião cristã: a obra salvífica realizada por Jesus Cristo. Note-se, entretanto, que a questão central do artigo não constitui uma defesa dos fundamentos da religião, antes, pretende demonstrar, apoiado em elementos pertinentes aos textos que serão utilizados, as relações metalinguísticas existentes no conjunto textual escolhido para a realização do presente estudo.

PERSPECTIVA TEOLÓGICA SOBRE A “OBRA SALVÍFICA”

Antes de iniciar a demonstração da presença da metalinguagem em *As bodas em Caná*, faz-se necessária a compreensão da nomenclatura e da perspectiva teológica que permeiam a interpretação pretendida.

De acordo com Daniel B. Pecota, “a obra salvífica de Cristo é a coluna central da redenção divina” (in: HORTON, 1996, p. 335). Sob o ponto de vista do cristianismo, entende-se por “obra salvífica” a crença de que a morte sacrificial de Jesus torna possível a reconciliação do homem com Deus. A compreensão da “obra salvífica” só pode ser compreendida enxergando-se o texto bíblico como uma unidade formada pelo “Antigo testamento” somado ao “Novo testamento” e, simultaneamente, considerando-se esses dois segmentos como contrapontos de comparação. Para tanto é necessário destacar que a morte sacrificial envolve um elemento comum aos sacrifícios de animais mencionados nos textos veterotestamentários: o derramamento de sangue.

Não há, entretanto, no texto veterotestamentário, a alusão a uma reconciliação permanente com Deus por meio do derramamento de sangue. Esta, quando ocorre, tem caráter provisório e seu efeito dura o tempo que o indivíduo se julga purificado de suas transgressões à lei mosaica:

Esta é a lei da oferta pela culpa: coisa santíssima é. No lugar em que imolam o holocausto, imolarão a oferta pela culpa, e o sangue dela se espargirá sobre o altar em redor. Dela se

oferecerá toda a gordura: a cauda gorda, e a gordura que cobre a fressura, os dois rins e a gordura que está sobre eles, e a que está junto aos lombos, e o redenho sobre o fígado, juntamente com os rins, os tirará; e o sacerdote os queimará sobre o altar em oferta queimada ao Senhor; é uma oferta pela culpa. Todo varão entre os sacerdotes comerá dela; num lugar santo se comerá; coisa santíssima é. Como é a oferta pelo pecado, assim será a oferta pela culpa; há uma só lei para elas, a saber, pertencerá ao sacerdote que com ela houver feito expiação. (Lv, cap. 7, vv.1-7)

O caráter temporário da expiação ou purificação, do hebraico *kaphar*, promovida pelo sacrifício é evidenciada pela permissão dada ao sacerdote que oficia a cerimônia para o consumo do alimento apresentado como oferta, pois, assim como a carne e o sangue não duram indefinidamente, também a purificação é provisória.

Contudo, percebe-se que havia a consciência, ainda que latente, de uma “salvação” permanente, como se percebe no salmo atribuído a Davi: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?” (Sl, cap.27,v. 1).

“Salvação” corresponde ao hebraico *yasha*, com conotação de espiritual e permanente. A certeza da imutabilidade do estado obtido pela “salvação” de que trata o salmo 27 é evidenciada pela estruturação da palavra *yasha*, cuja raiz constitui o nome de Deus, *Yahweh*, que, segundo os credos judaico e cristão, é o único ser imutável³.

Nos textos neotestamentários, sobretudo na *Epístola aos hebreus*, o derramamento de sangue na morte sacrificial de Jesus não mais promoveria a *kaphar*, mas agora corresponderia à *yasha*, uma vez que seu sacrifício “alcança um resultado duradouro que os antigos sacrifícios jamais pretenderam alcançar” (CARSON, 1992, p. 436).

A contraposição de ambos os conceitos, *kaphar* e *yasha*, serão imprescindíveis para o desenvolvimento da interpretação de *As bodas em Caná*.

A METALINGUAGEM

Para a realização deste estudo, consideramos, a princípio, o conceito de “metalinguagem” proposto por Jakobson no artigo intitulado *Linguística e poética* em que afirma ser a metalinguagem “o discurso que focaliza o código” (JAKOBSON, 1970, p. 127), e que estabelece uma relação de equação em que um discurso “A” seja reeditado pelo emissor com a utilização de signos distintos, mas que o resultado desta reedição seja um discurso de valor correspondente a “A”.

Samira Challub estende o conceito de Jakobson apresentando a metáfora como um exercício da metalinguagem quando propõe aquela como o elemento-signo traduzível de outro elemento-signo evidenciando a articulação da metalinguagem “com outras funções da

linguagem, principalmente com a função poética” (CHALLUB, 2005, pp. 12-13). Esta compreensão será, inclusive, imprescindível para a interpretação proposta, pois não seria possível pensar a relação metalinguística existente entre *As bodas em Caná* e os demais textos bíblicos sem enxergar as metáforas desenvolvidas no texto de João.

Outra forma de entender a metalinguagem, que nos será útil, afirma que a função metalinguística:

Pode ser considerada implícita na mensagem em que se nota que o emissor, ao fazer sua escolha entre os meios de expressão, faz alguma relação de ordem linguística. Em todo texto literário, que pressupõe uma acurada seleção de meios expressivos, a função metalinguística está subjacente, incorporada à função poética (MARTINS, 1989, p.12).

Ainda outro entendimento de metalinguagem aplicável:

Quando o texto não apenas diz, mas opera metalinguisticamente, temos não só o tema, mas o tema estruturado na feitura do texto, de tal forma que fica impossível separar o procedimento do que se diz. Na verdade, um sobreescrever, diferente de um sobre escrever. Este é um dizer sobre algo, sem mostrar como se faz, aquele é o mostrar o que está dizendo. (BARBOSA, 1988, p. 63).

É necessário registrar, também, que, segundo Challub, para que não se perca a noção de metalinguagem é preciso “recortar o vasto tema” (CHALLUB, 2005, pp. 8-9) apontando para uma área específica de interesse. Em suma, devemos entender a metalinguagem como uma leitura relacional, uma equação, uma referência recíproca de um sistema de signos.

Na interpretação de *As bodas em Caná*, será enfatizada a noção de leitura relacional, uma vez que se acredita ser esse o objetivo central do texto: relacionar-se de forma recíproca com os demais textos bíblicos que tratam do conceito teológico de obra salvífica. Outro aspecto que requer apontamento é o fato de que *As bodas em Caná* não pode ser considerado, neste artigo, apenas como um texto do repertório religioso, mas, principalmente, como obra literária, portadora de valor estético, pensada e trabalhada artisticamente. Em contrapartida, não se pode invalidar por completo o caráter religioso do texto, uma vez que tal natureza será necessária para a leitura relacional dos textos envolvidos na interpretação, pois, sendo a obra salvífica um conceito intrínseco a uma religião não podemos desconsiderar essa premissa sob pena de não realizarmos um exercício pleno de metalinguagem.

AS RELAÇÕES METALINGUÍSTICAS EM *AS BODAS EM CANÁ*

Vejamos, a princípio, o texto a ser estudado:

Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, e estava ali a mãe de Jesus; e foi também convidado Jesus com seus discípulos para o casamento. E, tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm vinho. Respondeu-lhes Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Disse então sua mãe aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser. Ora, estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas. Ordenou-lhe Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. Então lhes disse: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E eles o fizeram. Quando o mestre-sala provou a água tornada em vinho, não sabendo donde era, se bem que o sabiam os serventes que tinham tirado a água, chamou o mestre-sala ao noivo e lhe disse: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho. Assim deu Jesus início aos seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele. (Jo. Cap. 2, vv. 1-11)

É necessário iniciar a verificação das relações metalinguísticas do texto pelo levantamento do vocabulário que compõem seu repertório religioso: casamento (ou bodas), Jesus, vinho, minha hora, talhas de pedra, purificações, noivo, vinho bom, vinho inferior, sinais. Todas essas expressões foram selecionadas em virtude de se constituírem pontos de partida para o relacionamento do texto de João com os demais escritos bíblicos.

Começamos pelo vocábulo “casamento”. Para tornar mais cômoda a compreensão, usaremos o vocábulo “bodas”, uma vez que a o texto bíblico não impõe distinção de sentido entre um e outro termo. O casamento é, certamente uma das mais utilizadas metáforas do cristianismo para expressar o relacionamento entre os fiéis e sua,divindade, haja vista que desde os escritores veterotestamentários ela é utilizada e seu valor é reforçado pelos escritores neotestamentários. O *Cântico dos cânticos* é, inclusive, enxergado pelos teóricos bíblicos como uma unidade textual que serve de metáfora para o relacionamento entre Deus e os israelitas (para a tradição judaica) e entre Jesus Cristo e a Igreja (entendendo-se “Igreja” como os indivíduos que professam a fé cristã). Serve de reforço a esta interpretação de “casamento”, o textos do profeta Jeremias (HALLEY, 1994, p. 251):

Eles dizem: Se um homem despedir sua mulher, e ela se desligar dele, e se ajuntar a outro homem, porventura tornará ele mais para ela? Não se poluiria de todo aquela terra? Ora, tu te maculaste com muitos amantes; mas ainda assim, torna para mim, diz o Senhor. (Jr cap.3 v.1).

O profeta Oséias também utiliza a mesma metáfora:

Quando o Senhor falou no princípio por Oséias, disse o Senhor a Oséias: Vai, toma por esposa uma mulher de prostituições, e filhos de prostituição; porque a terra se prostituiu, apartando-se do Senhor. (Os cap. 1, v. 2).

O nome “Jesus” é o ponto central de todo o texto neotestamentário. É sobre sua figura que repousa toda a teologia que valida o cristianismo como religião. É a partir dele que se torna possível, de acordo com o cristianismo, a concretização da obra salvífica.

E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos. (At cap. 4, v. 12).

A expressão “minha hora” utilizada por Jesus refere-se ao momento em que deveria iniciar a operação de “sinais” (HALLEY, 1994, p. 471) ou “milagres”.

As “talhas de pedra” estão associadas aos rituais de purificação cerimonial dos judeus. No texto estudado, a água das talhas serviria para a lavagem ritual das mãos, o que, segundo Coleman, obedecia a regras específicas e rígidas, desde a cobertura da superfície lavada até a quantidade de água envolvida no processo, pois, “pelo regulamento deles, não bastava que a água fosse derramada sobre as mãos”. (COLEMAN, 1991, p. 56).

A “purificação” remete à expiação temporária de um estado de impureza ou daquilo que se concebia como pecado. Havia leis específicas sobre a purificação dos mais diferentes tipos: acerca de determinadas doenças (Lv cap. 14, vv. 1-9), de ordem sexual (Lv cap. 15) entre outras. Note que para a comunidade religiosa a não observação destes rituais impossibilitava o indivíduo de participar das atividades de culto ou mesmo do convívio social.

O “noivo” é uma metáfora largamente usada em outros textos bíblicos para designar a figura de Jesus. A parábola das dez virgens evidencia esta equivalência:

Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. Cinco delas eram insensatas, e cinco prudentes. Ora, as insensatas, tomando as lâmpadas, não levaram azeite consigo. As prudentes, porém, levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas. E tardando o noivo, cochilaram todas, e dormiram. Mas à meia-noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí-lhe ao encontro! Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas. E as insensatas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: não; pois de certo não chegaria para nós e para vós; ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós. E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o noivo; e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. Depois vieram também as outras virgens, e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. Ele, porém, respondeu: Em verdade vos digo, não vos conheço. (Mt cap. 25, vv. 1-12)

A correspondência entre “Jesus” e “noivo” pode ser notada ainda em:

Então vieram ter com ele os discípulos de João, perguntando: Por que é que nós e os fariseus jejuamos, mas os teus discípulos não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem porventura ficar tristes os convidados às núpcias, enquanto o noivo está com eles? Dias

virão, porém, em que lhes será tirado o noivo, e então hão de jejuar. (Mt cap. 9, vv. 14-15).

Estendendo o sentido de “noivo” para o de “marido” podemos compreender o quanto os escritores neotestamentários valorizavam a equação “Jesus – noivo”:

Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela. (Ef. Cap. 5, v. 25).

O “vinho”, o “vinho bom” e o “vinho inferior”. O vinho está intimamente relacionado ao sangue sacrificial, à delimitação de um novo acordo de expiação:

E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados. (Mt cap. 26, vv. 27-28).

A extensão do sentido de “vinho” para “vinho bom” e “vinho inferior” apontam para uma diferença qualitativa entre os pactos de expiação firmados entre os representantes divinos e seus seguidores.

Por fim, o vocábulo “sinais” aponta para “milagres”. Em diferentes episódios tal palavra é empregada, entretanto o sentido do vocábulo é estendido em:

Então alguns dos escribas e dos fariseus, tomando a palavra, disseram: Mestre, queremos ver da tua parte algum sinal. Mas ele lhes respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal se lhe dará, senão o do profeta Jonas; pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra. (Mt cap. 12, vv. 38-40).

“Sinal” permanece sendo correlato de “milagre”, contudo, passa a admitir “ressurreição” como equação para “milagre”, levando-nos a admitir que, dentro do universo da narrativa evangélica de João, a ressurreição que consolida a obra salvífica também se constitui “milagre”.

Uma vez estabelecidas as relações de equação entre os “vocábulos-sentido” nos textos bíblicos apresentados, podemos pensar em outro nível de metalinguagem presente em *As bodas em Caná*: o texto relata um dos milagres realizados por Jesus e, simultaneamente, é uma equação para o milagre da obra salvífica, reivindicado pela crença cristã. Os elementos do texto alinham-se na construção da metáfora da seguinte forma: As bodas (o relacionamento permanente com Deus) são ameaçadas pela falta do vinho, até então considerado como “bom” (uma expiação temporária). O elemento que aponta para a

ingenuidade do homem em persistir ligado a uma expiação provisória, a água para a purificação, é substituído por um elemento capaz de promover a continuidade das bodas, o vinho transubstanciado da água (o sangue sacrificial do novo pacto). Ocorre, então a tomada de consciência de que o primeiro vinho (o pacto anterior) era inferior e o segundo vinho deve ser considerado, verdadeiramente “bom” (a superioridade do segundo pacto) revelando a grandeza do “sinal-obra salvífica” em relação ao “sinal-transubstanciação” da água em vinho.

Podemos ainda estabelecer uma outra relação metalinguística presente em *As bodas em Caná* quando percebemos que um texto que narra um dos episódios, aparentemente estanque, envolvendo a figura de Jesus é ampliado quando entendemos que um fragmento narrativo é uma microvisão do propósito que circunda as quatro narrativas evangélicas sobre Jesus: relatar os sinais realizados por Jesus que conduziram ao sinal da obra salvífica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito há que se explorar do texto bíblico. As possibilidades de relações metalinguísticas são ainda vastas em virtude de seu pouco aproveitamento como texto literário. É necessário, como menciona Challub, “desautomatizar a sensibilidade” (CHALLUB, 2005, p. 16) do nosso processo de recepção do texto bíblico, pois ambos os extremos, tanto a cega interpretação do texto como sagrado e, portanto, maculável se submetido à análise literária isenta, como a completa negação de seu valor estético pelos que o consideram indigno do esforço necessário para a compreensão de seus meandros artísticos, apenas postergam o desvelamento de todas as possibilidades linguísticas e literárias que o texto bíblico tem a oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. A. *A metáfora crítica*. São Paulo, Perspectiva, 1988.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida revista e corrigida, São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1997.

CHALLUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo, Ática, 2005.

COLEMAN, Willian L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Belo Horizonte, Betânia, 1991.

HALLEY, H. H. *Manual bíblico*. São Paulo, Vida Nova, 1994.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: Uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro, CPAD, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1970.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*, São Paulo, T. A. Queiroz, EDUSP, 1989.

1 O caráter não-sinótico do evangelho de João é atribuído em função de suas diferenças quando comparado às narrativas dos evangelhos atribuídos a Mateus, Marcos e Lucas que, por apresentarem semelhanças entre si em relação aos fatos narrados, são considerados sinóticos.

2 O título escolhido para denominar o texto utilizado neste estudo é o resultado da interseção entre os títulos presentes na versão revista e corrigida, de 1898, *As bodas em Caná: a água feita em vinho*, e na versão revista e atualizada, de 1959, *As bodas em Caná da Galiléia*.

3 São mencionados apenas o judaísmo e o cristianismo por serem as únicas religiões que apresentam uma crença fundamentada nos textos vetero e neotestamentário.

Recebido em: 17/03/2012

Aceito em: 25/03/2012